GUERRA NUCLEAR E O FIM DO MILÊNIO

RIVALDO TARGINO DA COSTA

(ENGENHEIRO QUÍMICO)

"Considerai os lírios, como crescem; não trabalham nem fiam; e vos digo que nem Salomão, em toda sua glória, se vestiu como um deles."

Jesus Cristo

Dentre as forças que moldam e dirigem a sociedade moderna, as mais prementes, inequivocadamente, são exercidas por descobertas científicas e inovações tecnológicas, que determinam nosso modo de pensar, viver e agir. No entanto, comandadas por interesses espúrios, significam destruição. A história nos mostra que o desenvolvimento científico atual só foi possível graças ao trabalho pioneiro de homens que dedicaram toda uma vida às suas invenções. No século XIX, o empirismo atingiu o apogeu e a maioria dos princípios científicos adquiriram maturidade. O século XX experimentou a aplicação da teoria na prática, comprovando a utilidade da ciência para a civilização. Agora, às vésperas do Terceiro Milênio, chegou a vez de a tecnologia alcançar sua glória maior, ao apontar para os problemas mais imediatos da comunidade global. Para tanto, basta que se façam algumas correções no rumo que vêm trilhando os avanços tecnológicos, de preparação camuflada e silenciosa da terceira guerra mundial.

A *high technology* invadiu lares, modificou hábitos e, inegavelmente, tornou a vida mais confortável. Com um simples toque de botão, pode-se acionar qualquer aparelho que esteja ao alcance das ondas eletromagnéticas de um controle remoto universal, vendido a menos de trinta dólares em qualquer loja de utilidades domésticas. Com fácil acesso à informática, a atividade diária do cidadão comum necessariamente passa pelo clivo do processamento digital. O que seria de nós, por exemplo, se não fossem os sofisticados computadores empregados nas acuradas previsões meteorológicas transmitidas por meio de complicadas redes de comunicação, espalhadas por toda parte, da Antártida à Cordilheira dos Andes?

O *Homo technologicus* almeja dominar cada vez mais os segredos da natureza. Cruza o espaco cósmico, sonda a infinitude da estrutura atômica e está prestes a sintetizar a própria vida, fabricando-a em tubos de ensaio, inclusive tentando reproduzir cópia fiel de qualquer ser vivo a partir de um pequeno filamento de DNA. A princípio, tudo pode ser clonado, no processo vegetativo de duplicação genética. A ciência e a tecnologia se fundiram num vasto campo de técnicas complexas e idéias avançadas, *conditio sine qua non* para que tenhamos garantida a sobrevivência na urbanidade conturbada que levamos, embora, na maioria dos casos, não nos permitam compreender o que se passa nos bastidores desse paraíso futurista.

Pois paralelo à essa aparente traquilidade, existe uma tempestade de fortes efeitos colaterais. O domínio sobre a natureza é feito indiscriminadamente, causando desequilíbrio ecológico e degradação ao meio-ambiente. A maioria das pesquisas científicas em andamento não visam curar o câncer, aliviar as dores da aids ou erradicar a fome oriunda de catástrofes como a seca do Nordeste brasileiro. Não fosse isso verdade, estas doenças, além de outras como epilepsia e mal de Alzeimer, já seriam totalmente curáveis. Na África, a desordem político-administrativa, cumulativa com a desobediência civil causada pela falta de alimentos, conduz uma multidão de esfomeados à morte crônica. Na faixa etária de zero a cinquênta anos, pessoas magricelas e esqueléticas perambulam à espera do *Amajedom*, em cenas que lembram o filme *A noite dos mortos-vivos*, de George Romero, ou os campos de concentração nazistas.

Indiferentes a esta vergonha mundial, alguns países, repletos de intenções megalomaníacas de expansão territorial, destinam considerável parte de suas receitas à aquisição de novos armamentos, aumentando assim o arsenal de armas mortíferas e mensageiras precisas do extermínio. Embora o clima de guerra fria, entre a desmembrada URSS e os EUA (e aliados), supostamente tenha acabado, ainda vivem sob violentos combates com vizinhos adjacentes e, a cada ano, fazem testes nucleares para incrementar o poder destruidor de suas armas.

A Índia é um desses países e há pouco realizou consecutivamente cinco testes experimentais, sob alegação de implementar a fissão nuclear e oferecer maior segurança ao seu povo. As explosões nucleares ocorreram na profundidade de mil metros, no deserto de Rajasthan, a quinhentos quilômetros da capital Nova Delhi. Mesmo assim, houve tremores da crosta terrestre que atingiram mais de cinco pontos na escala Richter, que vai de zero a nove. Em consequência, abalos sísmicos foram detectados num raio de cem quilômetros do epicentro explosivo, devido ao impacto das ondas térmicas geradas pela enorme quantidade de energia liberada da fissão atômica.

No programa nuclear indiano, estão planejados sessenta testes semelhantes. Todos desnecessários, pois poderiam muito bem ser realizados por simulação em sistemas de modelagem computacional, com possibilidade zero de contaminação radioativa do meio-ambiente!

Em 1974, Indira Gandhi explodiu a primeira desta coleção. Desde então os pesquisadores indianos vem trabalhando intensivamente para que a Índia assuma de vez sua supremacia político-militar na Ásia. Não pretende o primeiro-ministro índio Atal Bihari Vajpayee apenas intimidar seus inimigos históricos - Paquistão e China. Quer voar mais alto. Auxiliado por um batalhão de cientistas treinados e fanáticos religiosos, sonha ser a própria encarnação de Adolf Hitler!

O efeito dominó da atitude do governo indiano começa a dar partida. O Paquistão anunciou que também vai construir armas nucleares, para enfrentar em pé de igualdade a afronta indiana. Trabalha em regime de urgência urgentíssima, para dentro dos próximos trinta dias explodir sua a primeira bomba atômica. Próximo deste cenário, a China cautelosamente observa o desenrolar dos acontecimentos, enquanto a OTAN, liderada pelos EUA, procura uma brecha para comercializar o estoque de armas guardadas da Guerra Fria.

Assim, os cientistas contemporâneos - longe dos ideais de Galileu, Newton e, no caso da Índia, de Mohandas Mahatma Gandhi, partidário das formas de lutas não-violentas - alienam-se pela retórica imperialista de governantes da casta de Bihari, esquecendo-se de que o objetivo primordial da ciência é a busca incessante da verdade em prol do progresso social e desenvolvimento intelectual do homem. A ciência foi mutilada e atrofia-se paulatinamente à medida que se compromete com ideologias ultrapassadas, não pertencentes ao objetivo que norteia a essência do espírito científico.

Os EUA, além de desperdiçarem tempo e dinheiro tentando encontrar vida em outros planetas, contribuem maciçamente com esta situação de instabilidade e retomada da corrida armamentista. A propósito, para que sondar os céus, à procura de vida extraterrestre, enquanto aqui na Terra milhares de problemas medievais, facilmente solucionáveis à luz dos conhecimentos tecnológicos disponíveis, ainda persistem? Clandestinamente, a tecnologia e os equipamentos necessários ao enriquecimento do urânio, matéria-prima básica na fabricação da bomba atômica, são vendidos a qualquer país asiático que tenha ouro ou petróleo para oferecer em troca. A NASA precisa de patrocinadores para suas aventuras espaciais e o comércio de armas não deixa de ser um negócio das Arábias!

O Presidente da República Federativa do Brasil, Prof. Fernando Henrique Cardoso, acaba de romper o acordo nuclear com a Índia. Este contrato de parceria científica e tecnológica encontrava-se em banho maria desde janeiro de 1996. Logo após as detonações atômicas de Rajasthan, foi uma iniciativa acertada rescindir o precipitado acordo. O Mundo todo está repudiando a atitude do Governo da Índia. Ao visto, os testes nucleares recém-realizados, como *marketing*, começam a surtir efeitos negativos. Resta ao povo índico torcer para que também não sofra os efeitos físicos da radiação que escapou do subsolo para a atmosfera. Não somos contra a utilização da energia atômica para fins pacíficos, de produção de energia elétrica, por exemplo. No entanto, não é este o objetivo das autoridades do Palácio de Nova Delhi.

Após as considerações feitas até aqui, o leitor está convidado a degustar a parte filosófica deste artigo. Ao final, terá sua paciência recompensada com uma visão abrangente do assunto.

Condicionalmente lícita a asserção de que, se deixarem a ciência exercer livremente sua verdadeira função, os detentores do poder encontrarão soluções definitivas para as mazelas sociais, inclusive para a seca que no momento assola o Nordeste. Com isso, não queremos dizer que os cientistas tenham resposta pronta, na ponta da língua, para todos os males da humanidade, pois a ciência é o resultado de um processo de evolução intelectual e não a configuração de uma panacéia. O físico Albert Einstein não acreditava que o pensamento racional fosse suficiente para resolver os problemas sociais. Robert Oppenheimer, o idealizador da temível bomba H (diferentemente da bomba de fissão nuclear, em que um núcleo atômico maior se fragmenta em núcleos menores, a bomba de hidrogênio funciona segundo o mesmo princípio das reações solares, nas quais dois átomos de hidrogênio se fundem num átomo de hélio, liberando enorme quantidade de energia), para se vê inimputável da responsabilidade por possíveis danos que sua invenção diabólica pudesse causar, opinava não caber aos cientistas a decisão sobre o uso ou não de armas nucleares. Esta decisão, segundo o físico norte-americano, pertenceria ao povo e aos políticos. Tanto Einstein quanto Oppenheimer foram cúmplices no desenvolvimento da tecnologia nuclear voltada para o genocídio. Sob rígida pressão político-militar, não poderiam ter opinião diferente.

Há um órgão internacional que poderia, se quisesse, impedir o emprego bélico do átomo. No entanto, a ONU só tem defendido os interesses dos países do chamado Grupo dos Oito. De passagem, deveria também dar mais atenção aos países mais pobres, sul-americanos ou os longínquos áfricos de Angola e Moçambique, possuidores de sérios conflitos sociais. Por que a Organização das Nações Unidas não tem uma política específica direcionada para estes países, de modo que possam chegar ao desenvolvimento pleno? Ora, porque seus sócios maiores se sentiriam ameaçados na sua hegemonia. Não é a desigualdade o pré-requisito da dominação? Só existem dominadores se houver dominados! Os países do Terceiro Mundo são os principais fornededores de mão-de-obra e máteria-prima de baixo custo e de boa qualidade, inclusive a uranila, o minério de onde se extrai o urânio. Entregam suas riquezas e são explorados quando importam, de seus patrões capitalistas, os produtos industrializados, entre medicamentos (às vezes populações inteiras servem de cobaias para testes de drogas experimentais), máquinas e equipamentos em geral (normalmente obsoletos e por isso rejeitados no exigente mercado internacional) e armas (de convencionais, incentivadoras da violência interna, aos mísseis teleguiados, estimuladores de desavenças externas). Economica e tecnologicamente dependentes, estão sempre aumentando a dívida externa. Dialeticamente falando, eis aqui o QTS - Qualidade Total Subdesenvolvida!

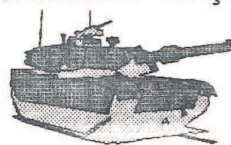
Devido ao irracionalismo imperialista imposto à ciência, a pior de todas as loucuras a que jamais o homem se aventurou não se restringe a uma sinopse imaginosa de um filme de ficção. O holocausto nuclear é o pesadelo de uma triste realidade que pode acordar em qualquer região beligerante. No Golfo Péssico, Saddam Hussein e o aiatolá Khomeini *religiosamente* já travaram uma sangrenta batalha, em nome de Alá. Recentemente, Bill Clinton quase reiniciou a operação *tempestade no deserto*! Em 1962, na fronteira índico-paquistanesa da província de Cachemira, ao Norte da Índia, russos e americanos experimetaram alguns momentos de selvageria, chegando a um acirrado corpo-a-corpo. Não seria a Ásia a região do epicentro beligerante da terceira guerra mundial?

Como se vê, as máquinas voadoras podem, a qualquer momento, perfurar as nuvens, não para fazer chover no sertão paraibano ou para distribuir comida entre os famélicos africanos, mas para espalhar tempestades e pânico generalizado. Os átomos podem explodir, não para gerar energia farta e barata que pudesse ser utilizada na dessalinização da água do mar, mas para carbonizar todos os núcleos populacionais e pulverizar seu acervo cultural. A vida pode ser sintetizada, não para amainar sofrimentos, mas para disseminar epidemias. Será que enlouquecemos? Claro que não! Somos lúcidos, só que fingimos ser cegos. Se continuarmos agindo assim, seremos fósseis e pobres criaturas esquecidas pelo tempo.

Para que haja paz social é necessário que façamos uma conscientização geral, principalmente dos líderes políticos dos países em constantes confrontos potenciais, de sorte que fiquem conhecedores das drásticas consequências de uma catástrofe nuclear e da impossibilidade de deflagrar-se uma guerra localizada - como cogita a logística militar - sem que haja o risco de envolvimento de todos numa batalha final. Deve ficar claro que a hecatombe atômica seria a extinção da raça humana e de todos os seres deste Planeta. Precisamos de uma política internacional que concentrem as pesquisas científicas na cura de enfermidades como aids, câncer e inanição crônica - e não na produção de peças de artilharia bélica com poder destrutivo irreversível.

O mundo não pode viver sob tensões perigosas que colocam em risco iminente toda a vida da Terra. Os mísseis *Exocet, Cruise, Pershing II, SS-20, Scud e Patriot* deveriam ter sido desativados por completo e não de mentirinha! Também em nada adiantou destruir mais de 40 mil ogivas nucleares, que existiam na época da Guerra Fria, se por debaixo dos panos continuam a ser fabricadas para negociatas com países como Irã, Iraque, Israel e, ultimamente, a Índia. O Tratado de Não-Proliferação Nuclear, assinado em 1996 é uma farsa, pois para gozar de eficácia deveria ter, como regra pétrea e irreformável, tolerância zero, isto é, a nenhum país caberia o direito de produção de armas nucleares. O esdrúxulo acordo internacional errou ao reservar a cinco países - Estados Unidos, Russia, Inglaterra, França e China - o privilégio para fabricar e vender livremente

esse tipo de *brinquedos assassinos*. Aos países não agraciados com esta atípica reserva de mercado, restou a opção do contrabando e da importação ilegal de mão-de-obra, tecnologia e demais condições paramétricas para que possam desenvolver sua própria bomba atômica. Teoricamente, portanto, qualquer país detem a capacidade de confeccionar uma *Little Baby,* com milhares de megatons a mais, apesar de artesanalmente montadas. Para tanto, exige-se apenas contactar um dos cinco países monopolistas ou um de seus representantes societários, intermediados pela OTAN.

A possibilidade de ocorrer uma guerra nuclear persistirá enquanto houver esta política. Será que mais de duzentas mil pessoas, entre mortos e feridos, nas cidades japonesas de Hiroxima e Nagasaki, durante a Segunda Guerra Mundial, não são suficientes como prova irrefutável dos bárbaros crimes que essas armas podem cometer contra a humanidade? Tanto a alienaçao da ciência quanto a deturpação da política, que desviam as descobertas científicas de sua verdadeira função social, foram responsáveis por esta tragédia histórica.

Portanto, se não quisermos ter pesadelos irreversíveis, devemos nos portar como genuínos seres humanos. O *Homo sapiens* é um ser social e dotado de razão - como tal dever agir, sob pena de ser comparado ao mais brutal dos animais - aquele que aniquila sua própria espécie. Não deve ser cético ao ponto de negar sua natureza frágil e mortal. Tampouco pessimista, perdendo as esperanças, nem demasiadamente otimista, arriscando-se a mistificar a realidade em detrimento de si e da compreensão do mundo que o cerca. Realisticamente atuante nos limites de sua condicionálidade, salvaguardará o direito de desejar e exigir um padrão de civilizacão compatível com todos. Sem pretender alcançar o utópico país de Thomas Morus, preconizamos o ideal de que todo homem deveria nutrir-se para dignificar-se diante de si e do próximo e, com forças tipicamente humanísticas e racionais, livrar-se de todo e qualquer mal que possa enegrecer a vida. Um mundo sem mísseis, guerras, corrupção e injustiças sociais pode parecer exagero filosófico de nossa parte, no momento conjuntural em que vivemos. Todavia, podemos ainda ter êxito na tentativa de melhorar a qualidade de vida na biosfera terrestre, desde que juntemos num só bloco de resistência as iniciativas construtivas de mudança do sistema político internacional de exploração e terror. Ainda pode haver uma luz no fim do túnel, mas se não detivermos os focos remanescentes de proliferação (através da nova guerra fria que ora se instala) de armas nucleares, não restará pedra sobre pedra nem tempo suficiente para dissipação da fumaça negra do cogumelo devassador das potentes bombas atômicas. Neste caso, o *big bang* das reações em cadeia dos núcleos atômicos, artificialmente fissionados ou fundidos, marcará o último evento do homem na história universal.

Urge agirmos racionalmente, pois só assim o sol brilhará para todos e sempre existirá um novo amanhecer. No Terceiro Milênio, que sejamos guiados pelas descobertas científicas e inovações tecnológicas, mas deixemo-las a serviço do bem da raça humana, sem discriminação de qualquer natureza - nem étnica nem religiosa, nem cultural, social ou econômica. O sentimento de solidariedade seja a grande virtude do homem, tanto a nível local quanto internacional.

Nesse sentido, os governos, assessorados por legítimos métodos científicos, irão ter mais interesse na coletividade, trabalhando a solução dos problemas básicos de sobrevivência. O desemprego e suas consequências, como pobreza e criminalidade, existirão apenas como meras lembranças históricas. Ações complementares de melhoria dos programas de saúde e de educação serão postas em prática. Assim, o dinheiro público porventura remanescente destinar-se-á especialmente para preservação da cultura - e não gasto na fabricação de artefatos de guerra, passeios exibicionistas no infinito cósmico ou de outra forma desviado de sua finalidade social. Nascerá uma nova visão da Terra, que será vista como uma Grande Aldeia, sob a responsabilidade de todos seus governantes, então exemplos de dignidade. Os países ricos, ao optarem por uma política pacifista e social-democrata, entenderão, enfim, que terão de viver em harmonia uns com os outros, num barco sob cujo teto navegarão em alto mar, do Atlântico ao Golfo de Bengala, compartilhando igualmente dos recursos econômicos disponíveis e do conhecimento acumulado. Tudo isso em nome da paz e do desenvolvimento planetário!